

Cai indicador de tendência do emprego

MÔNICA BAPTISTELLA • SÃO PAULO

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) recuou no mês de julho pela quinta vez consecutiva, para o menor nível desde dezembro de 2016. A sinalização é de fraca geração de emprego nos próximos meses em meio à atividade econômica perdendo força. O índice, que antecipa os rumos do mercado de trabalho no Brasil, caiu 0,8 ponto e chegou a 94,7 pontos em julho, segundo dados divulgados ontem (7) pela Fundação Getulio Vargas (FGV).

O indicador vem registrando uma série de quedas consecutivas desde março, fato que não ocorria desde o segundo trimestre de 2014, período que marcou o início da crise econômica no País.

Segundo o pesquisador da área de Economia Aplicada do FGV/IBRE, Fernando de Holanda Barbosa Filho, a expectativa de melhora do mercado de trabalho está se deteriorando devido à lentidão do processo de melhora econômica.

“As quedas consecutivas estão convergindo o índice para níveis próximos da média histórica registrada no período anterior à crise, de 87 pontos. O IAEmp mostra a intenção de contratação futura e esse resultado revela que a animação inicial com economia em 2018 – uma euforia com uma recuperação mais forte como era esperada nos primeiros meses do ano – estão acabando. Este fato significa que a geração de emprego ao longo dos próximos meses deverá ser mais modesta”, explica ao **DCI**.

Quatro dos sete componentes do indicador tiveram redução em julho, com destaque para o item que mede o Emprego previsto para os próximos três meses no setor da Indústria de Transformação, com diminuição de 11 pontos em comparação a junho.

INFORME

Indicador Coincidente

Ainda segundo a FGV, o Indicador Coincidente de Emprego (ICD), que capta a percepção das famílias sobre o atual cenário do mercado de trabalho, caiu 1 ponto em julho, para 96,1 pontos. Este é um indicador com sinal semelhante ao da taxa de desemprego, ou seja, quanto maior o número, pior o resultado.

O ICD é construído a partir dos dados desagregados, em quatro classes de renda familiar, da pergunta da Sondagem do Consumidor que procura captar a percepção sobre a situação presente do mercado de trabalho. Já o IAEmp é formado por uma combinação de séries extraídas das sondagens de setores da Indústria, de Serviços e do próprio consumidor, todas apuradas pela FGV.

“O ICD está relacionado à taxa de desemprego e reflete o humor do trabalhador com a taxa de desocupação. Esse índice continua mostrando estabilidade, ainda que em um patamar elevado, o que indica um mercado de trabalho bastante difícil e que vem mostrando cada vez menos ímpeto”, completou Barbosa Filho.

No ICD, as faixas de renda que mais contribuíram para a queda do indicador em julho foram as duas mais baixas: consumidores com renda familiar mensal até R\$ 2.100,00 (-2,5 pontos) e na faixa entre R\$ 2.100,00 e R\$ 4.800,00 (-1,5 pontos). Segundo o especialista da FGV, esses setores representam a parcela da população que, apesar de encontrar dificuldades, está sentindo alguma melhora e observando uma reação do mercado.

(Fonte: DCI – 08/08/2018)